

O Promontório Sacro

A **Natureza**, generosa, fez de Sagres um majestoso monumento, um lugar mítico que coloca o Algarve no imaginário de todos os povos que, pela mão dos marinheiros portugueses, ficaram a saber dos novos mundos do Mundo. Sagres oferece-nos grandes horizontes marítimos, o lugar onde a terra acaba e o mar começa. Um espaço mítico onde se cruza a natureza, a geografia, a religião, e a arte e por isso, pode desde já ser considerado uma das maravilhas do mundo.



Numa altura em que os portugueses olham para o seu património, a pretexto da escolha das sete maravilhas do país, votação que decorre em simultâneo com a opção das novas sete maravilhas do mundo, Sagres não poderia ficar de fora e este é um excelente pretexto para um passeio até ao Promontório e terras envolventes, à descoberta de uma herança que é de toda a humanidade.



Convém lembrar-nos, aquando do passeio vagaroso, sobre as imponentes falésias, que uma das primeiras referências ao promontório é a do cronista Avieno, na Ora Marítima, escrita no século IV d.C., um relato baseado num périplo comercial do século VI a.C. a ele se refere como o Cabo Cinético.

Diz Avieno: «Então, lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético, ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano

povoado de monstros». O cronista refere ainda que o promontório era dedicado a Saturno e «que assusta pelos seus rochedos».

Não é difícil perceber no local, pelas suas raras e imponentes belezas naturais, que os povos antigos lhe conferissem estatuto de templo. No período pré-romano e romano, em Sagres haveria um santuário ao deus púnico Baal Hammon, associado ao Saturno dos latinos. Já o geógrafo judeu Estrabão descreve o cabo como o ponto mais ocidental da Ibéria: «Este é o ponto mais ocidental não só da Europa... onde



«Não é permitido oferecer sacrifícios nem aí pernoitar, pois dizem que os deuses o ocupam àquelas horas. Os que o vão visitar pernoitam numa aldeia próxima, e depois, de dia, entram ali levando água, já que o lugar não o tem».



Basta apreciar um pôr-do-sol em Sagres para darmos razão a Estrabão que relatava tradições populares, segundo as quais “neste local o Sol aumenta no Ocaso, pondo-se com ruído, como que a extinguir-se entre as águas do Oceano”.

Estas descrições empolgadas falam de uma perfeição cénica que atravessou os séculos, mantendo-se inalterada.

O Promontorium, «para lá das Colunas de Hércules» era também conotado, nestes tempos longínquos, com o mundo lunar,

infernical e da morte, o «Mundo das Trevas», como que a entrada num mundo fantástico e mítico, povoado de monstros e onde a natureza é inóspita, onde Saturno impera provavelmente devido ao desenho das arribas negras que se erguem majestosas, com as ondas a fervilharem em rendilhados de espuma 60 metros mais abaixo.

Quer se tratasse de um santuário a Baal a Hammon, a Saturno a Melkart ou Hércules, é evidente a identificação deste local com entidades sagradas de clara conotação marítima desde os tempos mais remotos.

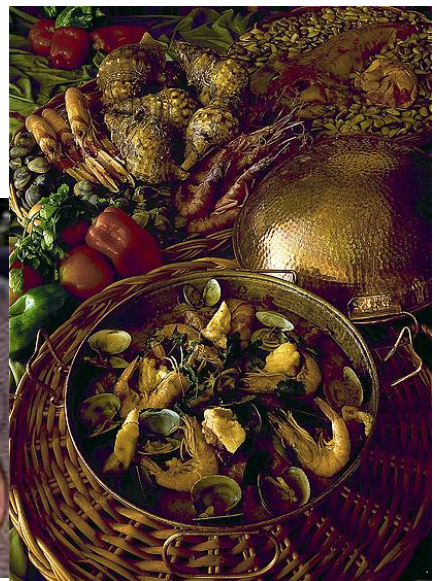




No período de dominação islâmica (séc. XIV a XII), acolheu peregrinos cristãos mas também muçulmanos que lhe chamavam Chakrach. E Plínio, historiador do século I d.C., fala de dois cabos entre *os lusitani*: e o Cabo Sacro, o Cabo Cúneo este identificado como o actual cabo de Santa Maria, junto a Faro).

A história do lugar mantém-se dramática e Sir Francis Drake, um dos mais aventureiros marinheiros ingleses do século XVI, atacou a região de Sagres provocando avultados prejuízos nas fortificações da Baleeira, Sagres, Beliche e São Vicente.

Das fortificações da Baleeira restam poucos vestígios, mas lá está a bela praia da Mareta, a convidar a um mergulho, a um passeio sobre as areias claras, ou talvez a uma prova gastronómica dos peixes e mariscos num dos restaurantes locais.





Entremos então na Fortaleza de Sagres, com origem no séc. XV, que abriga a Igreja da Nossa Senhora da Graça (séc. XVI), a misteriosa construção da Rosa-dos-ventos, e a torre-cisterna.

Recuando ao ano de 1443, a 27 de Outubro, o Infante D. Henrique recebe de seu

irmão, o regente D. Pedro, uma carta de doação do cabo de Trasfalmenar e uma légua de termo (Sagres e a sua região envolvente).



O Infante de imediato entendeu o importante peso estratégico que esta região possuía, uma vez que era ponto de passagem, praticamente obrigatório, para as embarcações, comerciais ou não, que faziam a ligação entre o Mediterrâneo e o Atlântico Norte, para além da sua proximidade com o Norte de África e das vantagens que daí poderia resultar para o projecto expansionista português nessa região e que havia começado com a conquista de Ceuta.



Assim se explica o interesse do Infante pela região de Sagres, bem como a sua iniciativa de aí fundar uma vila fortificada que permitisse o apoio e defesa à navegação, à qual deu o nome de Vila do Infante.

Reforça-se ainda mais a ideia de Sagres como um lugar mítico, desde então ligado à gesta dos Descobrimentos, um passo de gigante no desenvolvimento da humanidade só comparável à viagem para a Lua que se faria séculos depois.



Sagres situa-se no concelho de Vila do Bispo e na vila é incontornável uma visita à Igreja Matriz (séc. XVIII).

Há ainda uma necrópole de cistas na praia da Ingrina e na praia da Salema, uma curiosidade que nos atrai quase tanto quanto a bela envolvente marinha, são as pegadas de dinossauro com mais de 140 milhões de anos gravadas na falésia.





A pitoresca aldeia Raposeira guarda, ciosa, as memórias do Infante D. Henrique, o Navegador, que aí tinha propriedade onde passava férias.

Para se chegar a Budens, onde fica a "villa" e a salga romanas na Boca do Rio, uma curiosa praia na foz de um rio que entretanto secou passa-se pela Ermida da Nossa Senhora de Guadalupe, (provavelmente do séc. XIII), templo junto à Via do Infante. Diz a lenda que

na ermida, rezava os marinheiros antes de partirem nas caravelas em busca de outros Mundos.



Iremos depois até um dos cenários mais grandiosos da costa vicentina, Torre D'Aspa, a mais alta falésia algarvia, com 157 metros. Trata-se de uma atalaia do séc. XVII que integrava um sistema de defesa costeira de onde se pudessem vigiar o mar, e avisar as populações que havia corsários na costa, através do toque de um sino, por sinais de fumo ou acendendo fogueiras de noite.



Ficaria este passeio incompleto se, já em deslocação para Aljezur, não parássemos, no Cabo de S. Vicente, o farol e a fortaleza que se debruçam sobre a deslumbrante paisagem oceânica.

E eis Ajezur, topónimo árabe para Aldeia das Pontes, fundada no séc. X. "Aljezur seria em época islâmica uma quase ilha - como o seu nome árabe indica - rodeada por uma lagoa marítima, certamente rica em peixe e marisco. Terras fertilíssimas e sapais justificavam a existência de um povoado de camponeses e pescadores, que possuíam um recinto fortificado no cume do cerro”, define Cláudio



Torres. O Castelo é um dos sete representados na bandeira nacional e foi conquistado em 1243 por D. Paio Peres Correia, Grão-Mestre da Ordem de Santiago. Uma batalha sangrenta, ainda hoje revivida pela toponímia já que a encosta da vila velha, encimada pelo castelo, divide-se entre "O Degoladouro" e "As Cabeças".

Na vila de Aljezur, coração do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e da Costa Vicentina, faça-se referência à Matriz de Aljezur e à Igreja da Misericórdia.





Atrai-nos de novo a costa, para se poder conhecer a fortaleza da Arrifana, “um daqueles casos em que a lenda se cruza com a história e dificulta a distinção entre mito e

facto”, diz também o arqueólogo Cláudio Torres. Escavações permitiram descobrir, não debaixo das ruínas da fortaleza do Século XVII ainda visíveis, mas sim na Ponta da Atalaia, o ribat al-Rihana (Arrifana), fundado por Abû-l-

Qâsim Ahmad Ibn al-Husayn Ibn Qasî, no século X. De facto, nos últimos tempos do Garb al-Andalus, este líder religioso islâmico, nascido em Silves, mandou construir um mosteiro, com finalidades místicas e militares, a norte do Cabo de S. Vicente. A fortaleza da Arrifana, situada no promontório que domina o portinho de pesca foi provavelmente construída em 1635, num rochedo xistoso, extremamente exposto à erosão, e tinha como função proteger a valiosa armação de pesca do lugar. O terramoto de 1755 ditou a sua ruína."

Toda a ponta mais ocidental do Algarve guarda um legado precioso de delícias paisagísticas, gastronómicas, um mundo raro de conservação natural, com mais de 750



espécies, das quais cinco dezenas são endémicas e doze não existem em mais nenhum local do mundo de que Sagres é um ex-libris, um templo natural numa das mais bem conservadas costas da Europa.

Ficha Técnica

Edição:

Globalgarve, Cooperação e Desenvolvimento, S.A.

R. Dr. José de Matos, nº 56, 8000-502 Faro

Tel. 289807768 / Faxe. 289807790

E-mail: globalgarve@mail.telepac.pt

Conteúdos:

CNA – Central de Notícias do Algarve

Av. 5 de Outubro, nº 55, 2º Esq., 8000-075 Faro

Tel. 289895480 / Faxe. 289895489

E-mail: cna_faro@sapo.pt

www.cnalgarve.com

© Todos os direitos reservados.